



GT 010. Antropologia da Economia

Arlei Sander Damo (UFRGS) - Coordenador/a
 Eugênia de Souza Mello Guimarães Motta
 Instituto de Estudos Sociais e Políticos) -
 Coordenador/a, Gustavo Gomes Onto (UFRJ) -
 Debatedor/a, Lúcia Helena Alves Müller (Pontifícia
 Universidade Católica do Rio Grande dos Sul) -
 Debatedor/a

Desde o nascimento da nossa disciplina os intercâmbios de objetos e riquezas, mediados ou não pelo dinheiro, as formas de valoração e de provimento das condições materiais de continuidade da vida foram objeto de descrição e interpretação a partir dos modos de vida dos outros. As teorias econômicas já tinham grande importância nas sociedades a partir das quais surgiu a antropologia e, nas últimas décadas, se tornaram uma verdadeira linguagem global. A importância dos especialistas, sejam acadêmicos ou gestores governamentais, nunca foi tão grande, tendo esses um papel preeminente no desenho de políticas de larga escala. Economia, portanto, concerne a uma multiplicidade de objetos, temas e possibilidades de abordagem que implicam, sempre, o questionamento sobre a própria definição sobre o que seja a economia ou que caracterize algo prática, teoria ou econômico. A Antropologia da Economia vem ganhando novo fôlego, com a organização de diversos eventos e publicações acadêmicas voltados a essa área de estudos. O objetivo do GT é propiciar um espaço dedicado a colocar em diálogo trabalhos que possibilitem explorar a multiplicidade de sentidos da economia, as diversas escalas de observação que ela permite e provoca e as ambiguidades e misturas que colocam em questão as fronteiras e limites do econômico, como a relação com as práticas familiares, a intimidade, a religião, o consumo, a dívida, a política, as moralidades e assim por diante.

As equações "sociolistas" da casa e da vida em um "batey" cubano

Autoria: Carlos Gomes de Castro

Diante do constante e quase irreversível decréscimo da economia açucareira, fruto de uma crise iniciada em fins dos anos 1980, o mundo do açúcar foi pouco a pouco deixando a cena cubana, como se oferecesse seu lugar ao turismo, que, de fato, tornou-se alvo de grandes investimentos financeiros e, não por coincidência, objeto analítico de várias áreas do conhecimento, inclusive da antropologia. Não noticiado, o açúcar foi praticamente esquecido e, por extensão, as próprias transformações advindas de sua ausência foram apagadas, o que fez com que as comunidades açucareiras, mais conhecidas como "bateyes", se tornassem espécies de lugares "fantasmas" ou "zonas de silêncio". Com dados de uma pesquisa etnográfica realizada entre 2012 e 2016 na província de Matanzas, Cuba, invisto em um reencontro com essa substância. No entanto, tal reaproximação é feita a partir de um "batey" cuja usina esteve "parada" por quase uma década. O açúcar aparece, por esse motivo, como um elemento de longa duração que, até mesmo na ausência, atua na conformação de uma paisagem caracterizada como "deteriorada" e "sem vida", em que apenas sujeitos "escapados" (astutos) são capazes de engendrar meios e relações para "fazer a vida". "Campeiros", "trabalhadores do campo", camelôs e diferentes tipos de "particulares" (autônomos legalizados ou não) fazem parte, entre outros, do extenso grupo de escapados que, ao lado de objetos e circuitos de aluguéis, põem em movimento uma intrincada economia "sociolista crioula", isto é, não determinada pelo socialismo centralizado estatal, ainda que dele seja "sócia" (parceira). Eles são, pois, o meu ponto de apoio para descrever as formulações e cálculos ordinários e subjetivos utilizados como forma de "acomodar" a dinâmica das casas e dos "negócios" no "batey" e, ao mesmo tempo, de impulsioná-la em uma direção de "progresso", "desenvolvimento". Minha descrição intenta encenar, por vezes sem a densidade merecida, importantes questões nativas sobre amizade, "família no estrangeiro", uso e propriedade de



?dólares?, circulação de pessoas e mercadorias, construção de objetos ?criollos? e associação ? todas fundamentais para a compreensão das especificidades da concepção e da prática político-econômica examinada. Visto à distância, talvez o ?batey? pareça estagnado, enferrujado; todavia, com um olhar baseado na minúcia etnográfica, é possível observar nele a emergência de constantes pulsações e de modos de praticar e fazer, à maneira das pessoas, o próprio socialismo, convertido ou criolizado ? e não simplesmente copiado ou falsificado ? em um sistema ?socialista?.



Realização:



Apoio:



Organização:

